

PÁGINAS DE MEMÓRIAS

APONTAMENTOS SÔBRE A REVISTA «A ÁGUIA»

Faz neste mês de Dezembro 31 anos que apareceu no Pôrto a revista «A Águia». Com o título «O 1.º número da revista «A Águia» saiu há um quarto de século», inseri a 3 de Dezembro de 1935, no «Diário de Lisboa», as seguintes notas, que talvez seja conveniente arquivar, para que sobre essa revista e a Sociedade literária que dela surgiu não continum a dizer-se e escrever-se em Portugal e Brasil lamentáveis inexactidões.

FEZ ANTE-ONTEM 25 ANOS que publiquei o 1.º número da 1.ª série da revista «A Águia». Foi logo a seguir à proclamação da República, que desde suas primeiras horas revelou ter sido apenas um movimento essencialmente político, destinado a substituir umas por outras clientelas.

A minha geração era a da greve académica, a do 28 de Janeiro — e as nossas aspirações iam para mais alto. Queríamos, sobretudo, que se promovesse a cultura do povo português.

Nessa primeira série, que abrangeu o resto de 1910 e parte de 1911, passaram pela «Águia» alguns dos mais ilustres artistas e homens de letras do tempo. Já morreram Manuel Laranjeira, Sampaio Bruno, A. A. Cortesão, António Carneiro, Correia Dias, João Augusto Ribeiro, Manuel de Sousa Pinto, Manuel da Silva Gaio e António Patrício, mas continuam enriquecendo o património espiritual da nação muitos outros que à revista deram o brilho de seu talento, como Leonardo Coímbra, Jaime Cortesão, Afonso Duarte, Teixeira de Pascoais, Augusto Casimiro, Januário Leite, Veiga Simões, António Corrêa de Oliveira, João de Deus Ramos, Joaquim Manso, João de Barros, Aarão de Lacerda, Mário Beirão, Afonso Lopes Vieira, Antero de Figueiredo, João Corrêa de Oliveira, Artur Ribeiro Lopes, Cardoso Marta e Carlos Parreira, Luiz Felipe, Cristiano Cruz, Cervantes de Haro e Cristiano de Carvalho.

A revista interessou a «élite» portuguesa e resolveram os mais entusiastas dilatar a influência que já se estava sentindo.

Em 27 de Agosto de 1911 realizou-se em Coímbra a primeira reunião preparatória duma nova organização que realizasse os intuitos dos que se tinham decidido a levar por diante o sonho de cada um.

Em 17 de Setembro realizou-se a segunda reunião em Lisboa e foram aí escolhidos os «comités» de Lisboa, Pôrto e Coímbra, o nome da Sociedade e de seu órgão, e a data do início dos trabalhos de educação e cultura.

Pensou-se em classificar a nova Sociedade de «Renascença Lusitana». Insisti por que se chamasse «Renascença Portuguesa» e assim ficou sendo. Queriam alguns que se desse à revista o nome de «Renascença». Defendi o nome de «Águia», já porque dela é que tinha partido o movimento, já porque êsse nome era um símbolo nada para desprezar, e foi êsse o nome que ficou.

Saíu o 1.º número da nova série em Janeiro de 1912 com colaboração de Teixeira de Pascoais, Mário Beirão, Visconde de Vila-Moura, António Corrêa de Oliveira, Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra, Afonso Lopes Vieira, Augusto Casimiro, Afonso Duarte, João de Deus Ramos, Augusto Martins, Joaquim Manso, António Sérgio, António Carneiro, Correia Dias, Cervantes de Haro, Luiz Felipe e Leal da Câmara, esgotando-se em poucos dias.

Começaram logo as edições da «Renascença», as conferências, os cursos das diferentes Universidades Populares, os concertos e exposições, tudo, enfim, que se inscreveu no estatuto da nova Sociedade.

E durante quási dez anos não houve escritor ou artista de mérito que não fôsse solicitado pela «Águia» e pela «Renascença» para lhes reservarem suas produções.

Foi a «Renascença» muito discutida em inquéritos e polémicas de jornal. A tudo respondeu a «Águia» com abundância de realizações. Várias impertinências mais acesas foram comentadas na «Vida Portuguesa», segundo órgão da «Renascença».

Houve algumas tentativas de absorção da «Renascença» pela política partidária. A tôdas me opus, com êxito, fiel sempre ao princípio irreductível de que a nossa agremiação, para ser vitoriosa e respeitada, tinha de cumprir seu programa de educação e cultura fora de tôdas as ingerências políticas, de qualquer espécie ou feito.

Seguindo para o Brasil em 1920, ainda pude administrar a «Águia» e a «Renascença» até 1921. Mas, os mais representativos elementos que ficaram em Lisboa e Pôrto não se entenderam e promoveram a cisão, donde resultou a «Seara Nova».

Previ desde logo o predomínio da acção política directa na nova sociedade. Enfraqueceu-se a «Renascença» e surgiu outro organismo, exactamente com a finalidade que considerei sempre inçada dos maiores perigos. Nada tenho a ver com os resultados, ou com os frutos da orientação seguida. Foram bons, foram maus?

Como quer que seja, a verdade é que não se podem mais apagar da História da Literatura Portuguesa os passos marcados pela «Águia» e pela «Renascença». Ficaram, e melhor se hão-de apreciar quando olhos mais serenos e insuspeitos possam daqui a outros 25 anos olhar a acção de 1910-1921 nas suas relações com o que existiu antes e o que veio depois.

Um quarto de século! Quási meia vida passada! Como é perturbadora a recordação dêsses tempos idos e como eu desejaria que se recommençasse a obra de cultura e educação em que tanto se empenharam os camaradas de 1910.

Daqui envio minhas saudações aos vivos que participaram do sonho realizado e aqui deixo a mais comovida e respeitosa homenagem aos mortos que tanto estimaram «Águia» e «Renascença» e cujos nomes, juntos aos que já mencionei, me cumpre venerar: António Arroio, José Malhó,

Teófilo Braga, Visconde de Vila-Moura, Teixeira Rêgo, Raúl Brandão, Aurélio da Costa Ferreira, Luciano Pereira da Silva, Columbano, Anselmo Braamcamp Freire, Alberto Pimentel, Coelho de Carvalho, Gomes Leal e D. Carolina Micaelis de Vasconcelos.

ÁLVARO PINTO

P. S. — Depois de escritas estas linhas, soube da morte de Fernando Pessoa, o escritor ousado que no n.º 4 da «Águia» (2.ª série), Abril de 1912, começou a publicação de seus artigos sobre «A Nova Poesia Portuguesa», prognosticando o advento dum supra-Camões. Em momento oportuno, darei a lume algumas das cartas que dêle tenho sobre seus artigos, que tanta agitação causaram no meio intelectual português do tempo. Agora, devo apenas estender à memória de Fernando Pessoa a homenagem do meu respeito. — A. P.

2.º P. S. — De 1935 a 1941, dois dos mais entusiastas colaboradores da «Águia» e dos trabalhos da «Renascença» deixaram de existir: Leonardo Coimbra, o filósofo e orador tão mal compreendido, e Cristiano de Carvalho, artista fulgurante, que tanto se perdeu pelas suas extraordinárias qualidades como pelos seus incorrigíveis defeitos. — A. P.



«¿Sabem que cousa é andar um dignamente? É corresponder a tôdas as obrigações do tal estado, ou vocação como elas pedem. Donde se vê que o Sacerdote que não fôr mui casto, o pai ou mãe-de-famílias que não trata do sustento, e govêrno da casa, e do ensino de seus filhos, não andam dignamente; porque o seu estado respectivamente pede estas virtudes. Andar com tôda a humildade, é ser humilde não só com os maiores e iguais senão também com os inferiores; humilde é, mas não é tôda a humildade. E porque para andar dignamente, e com tôda humildade entre vários próximos, e neste mundo, não pode ser sem sofrer muitas cousas, e cortar pela condição própria... E o que não quiere sofrer, êsse é o que não permanece no seu lugar, e em vez de crescer, murcha.

As flores crescem insensivelmente, de sorte que quem estiver olhando para elas, não verá o aumento, porque vai pouco e pouco, e não de repente. Assim nós havemos de crescer nas virtudes, não com fervores repentinos, e indiscretos que parem logo; senão com progresso igual, quieto, e continuado.» — P.^e Manuel Bernardes.

«Os trajos pouco honestos, que estão peitando os olhos para que atendam, e fazendo à alma vendável o seu pecado: eis aí um espinho, que lastima a flor da castidade. Os livros obscenos, e vãoos, que não sei como no principio trazem licença para se imprimir, e mais se imprimem na alma para a escurecer, do que na oficina para saírem a luz: eis aí outro espinho, e outro escândalo. As pinturas indecentes, que estão com vozes mudas, e permanentes prégando mundo, e carne, e liberdade em lugar de penitência, e seus artífices lhe hão-de pagar o preço do inferno: eis aí outro escândalo. As comédias, escolas de esgrima onde se joga a espada preta do pecado, para que depois saibam jogar a branca: mais outro escândalo. As palavras torpes, e licenciosas, que agora se usam em lugar das Orações, e canções pias da Cartilha que se ouviam pelas ruas em tempo do Padre Mestre Inácio Martins: e são jaculatórias do diabo com que atira pelas janelas dentro: «Ascendit mors per fenestras»: mais outro escândalo. Os maus conselhos, e companhias dos chamados amigos, mas na verdade inimigos, pois são confederados do demónio para perverter as almas: mais outro escândalo. Ai do mundo tam cheio de escândalos; ai da açucena da castidade tam cercada de espinhos...» — P.^e Manuel Bernardes.